



Ana Isabel Dias Leite

Vitimação por *Stalking* e Funcionamento Psicológico na Idade Adulta: O Papel Moderador da Duração da Experiência

Trabalho realizado sob orientação:

Professora Doutora Célia Ferreira

fevereiro, 2017



Ana Isabel Dias Leite

Vitimação por *Stalking* e Funcionamento Psicológico na Idade Adulta: O Papel Moderador da Duração da Experiência

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Trabalho realizado sob orientação da Professora Doutora Célia Ferreira

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 11/04/2017, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professora Doutora Ana Isabel Sani (Professora Associada da Universidade Fernando Pessoa)

Orientador: Professora Doutora Célia Isabel Lima Ferreira (Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

fevereiro, 2017

- **É autorizada a reprodução parcial desta tese/dissertação, apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.**

Aos meus pais, ao tio, os meus heróis

Agradecimentos

As minhas primeiras palavras vão para a Professora Doutora Célia Ferreira, minha orientadora, agradecer pela paciência, sabedoria, encorajamento nos momentos difíceis, dedicação e disponibilidade com que me acompanhou ao longo deste trabalho.

Aos professores do Mestrado com quem tive o prazer de trabalhar e por todos os seus ensinamentos, que conduziram à realização deste projeto.

À minha mãe, pela força que me deu e nunca me deixou desistir.

Ao meu pai, pela compreensão.

Ao meu tio, pelo apoio incondicional.

Ao João, companheiro nos bons e maus momentos.

Às verdadeiras amigas, Raquel, Dora e Diana, companheiras nesta viagem, pela amizade e palavras de coragem.

À Gina, Gentil, Nelinho e Jorge, amigos que estiveram ao meu lado, pela força e apoio em momentos difíceis.

Obrigada por acreditarem em mim.

Resumo

O *stalking* constitui um fenómeno de violência socialmente significativo, complexo e multifacetado. De acordo com esta perspetiva, as pessoas com níveis superiores de Bem-estar possuem uma melhor autoaceitação e assumem a intenção de se sentirem bem consigo próprias, e conscientes das suas próprias limitações. O principal objetivo deste estudo é testar o papel moderador da duração da experiência de vitimação por *stalking* na predição do funcionamento psicológico atual, tendo como variável antecedente a frequência dos comportamentos deste tipo, sofridos durante o último ano. A amostra do estudo foi constituída por um total de 494 participantes, na maioria mulheres (74.8%), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M = 32.35$; $DP = 9.43$). A duração do *stalking* afigurou-se um moderador estatisticamente significativo na relação entre a frequência dos comportamentos e o BEP – ‘Domínio do Meio’ ($\beta = .375$, $p = .011$), indivíduos que reportaram ter sofrido comportamentos de *stalking* num registo mais frequente revelaram maior BEP (Domínio do Meio). Este estudo vai ao encontro da necessidade de se alargar o estudo de diferentes experiências de vitimação a indicadores de funcionamento positivo e/ou de saúde mental das vítimas.

Palavras-chave: Violência; *Stalking*; Duração; Sintomatologia Psicoemocional; Bem-estar; Moderação.

Abstract

Stalking is a phenomenon of violence that is socially significant, complex and multifaceted. According to this perspective, people with higher levels of Well-being have greater self-acceptance and are willing to feel good about themselves, including being aware of their own limitations. This study aimed to test the moderating role of the duration of the *stalking* victimization experience in the prediction of current psychological functioning, having as antecedent variable the frequency of the behaviors of this type suffered during the last year. The study sample consisted of a total of 494 participants, mostly women (74.8%), aged 18-63 years ($M = 32.35$, $DP = 9.43$). The duration of *stalking* appeared to be a statistically significant moderator in the relationship between behavioral frequency and BEP - 'Medium Domain' ($\beta = .375$, $p = .011$), individuals who reported having suffered stalking behaviors in a frequent register showed higher BEP (Medium Domain). This study is in line with the need to extend the study of different experiences of victimization to indicators of positive functioning and / or mental health of the victims.

Keywords: Violence; *Stalking*; Duration; Psychoemotional Symptomatology; Well-being; Moderation.

Índice

Enquadramento conceptual.....	12
Introdução.....	12
1 - Revisão da literatura.....	13
1.1 – <i>Stalking</i> : Caracterização do fenómeno e do impacto para as vítimas.....	13
1.2 – Saúde Mental e Bem-Estar Psicológico (BEP).....	19
1.3 – <i>Stalking</i> e BEP: uma dimensão lacunar na literatura científica.....	23
1.4 - Modelo conceptual da investigação.....	24
Parte empírica.....	26
2 - Metodologia.....	26
2.1 - Caracterização sociodemográfica da amostra.....	26
2.3 – Procedimentos.....	28
Resultados.....	29
Discussão.....	34
Limites.....	38
Conclusões.....	38
Referências Bibliográficas.....	39

Índice de Tabelas

Tabela 1: Tipos de <i>Stalker</i>	15
Tabela 2: Tipos de <i>Vítimas</i>	16
Tabela 3: Características sociodemográficas da amostra	27
Tabela 4: Estatísticas descritivas dos comportamentos de <i>Stalking</i> e sua duração, da Sintomatologia Psicopatológica e do Bem-Estar Psicológico	30
Tabela 5: Correlação entre os comportamentos de <i>Stalking</i> e a Sintomatologia Psicopatológica (depressão e ansiedade)	30
Tabela 6: Comportamentos de <i>stalking</i> , Duração e sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação	31
Tabela 7: Correlação entre os comportamentos de <i>Stalking</i> e as sub-dimensões do Bem-Estar Psicológico	32
Tabela 8: Comportamentos de <i>Stalking</i> , Duração e BEP: Testes de Moderação	34

Índice de Figuras

Figura 1: <i>Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição do bem-estar psicológico</i>	25
Figura 2: <i>Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica</i>	25

Índice de Gráficos

Gráfico 1: <i>Efeito Moderador da Duração – Comportamentos de stalking e Domínio do Meio</i>	34
---	----

Lista de Acrónimos

BEP: *Bem-Estar Psicológico*

BES: *Bem-Estar Subjetivo*

BSI: *Inventário de Sintomas Psicopatológicos*

EBEP: *Escalas de Bem-Estar Psicológico*

EUA: *Estados Unidos da América*

IGS: *Índice Geral de Sintomas*

ISCTE-IUL: *Instituto Universitário de Lisboa*

ISP: *Índice de Sintomas Positivos*

IVS: *Inventário de Vitimação por Stalking*

PS: *Psicologia Positiva*

SPSS: *IBM SPSS Statistics*

TSP: *Total de Sintomas Positivos*

UE: *União Europeia*

ULP: *Universidade Lusófona do Porto*

WHO: *Organização Mundial de Saúde*

Enquadramento conceptual

Introdução

As práticas criminosas por *stalking* têm uma relevância de destaque quando falamos de vítimas. É uma questão problemática de gestão muitas vezes difícil e determinada pelos muitos constrangimentos da nossa sociedade. O *stalking* constitui um fenómeno de violência socialmente expressivo, complexo e multifacetado, com impacto significativo para as respetivas vítimas.

Esta é uma temática que tem, ao longo das últimas décadas, sido motivo de vários debates, numa tentativa de esclarecer que processos e elementos devem ser incluídos na sua definição. O estudo científico e sistemático deste fenómeno tem permitido reunir um conjunto importante de conhecimentos acerca das dinâmicas deste tipo de violência, sobre os motivos para a sua prática e também sobre o impacto do mesmo para as vítimas.

Importa sublinhar que a saúde mental e, especificamente o Bem-Estar Psicológico (BEP) têm vindo já a ser estudados junto de populações e associados à vivência de outras experiências adversas e, na medida do nosso conhecimento continua lacunar na literatura da especialidade o estudo do BEP junto de vítimas de crime, em geral, e junto de vítimas de *stalking*, em particular.

Este estudo tem como objetivo aferir, por um lado, a associação do *stalking* com as dimensões de psicopatologia e com as dimensões do bem-estar psicológico, e por outro lado, analisar o papel moderador da duração da experiência de vitimação por *stalking* nas mesmas dimensões de psicopatologia e bem-estar psicológico.

Esta dissertação é constituída por duas partes. Na primeira parte, apresentamos o enquadramento teórico sobre o *stalking* e Bem-estar Psicológico. A segunda parte, compreende o estudo empírico, onde se mostram os resultados conseguidos e a discussão dos mesmos.

1 - Revisão da literatura

1.1 – *Stalking*: Caracterização do fenómeno e do impacto para as vítimas

O termo *stalking* não apresenta tradução “linear” para a língua portuguesa, pelo que, é frequentemente usado o estrangeirismo para a designação do fenómeno. Noutros casos é adotada a expressão “assédio persistente”, que se aproxima ao significado do vocábulo inglês e operacionalizado como “um padrão de comportamentos de assédio persistente, traduzido em formas diversas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa – alvo” (Grangeia & Matos, 2010, p. 124).

Este é um fenómeno social e comportamental complexo, sobretudo por poder incluir uma diversificada panóplia de comportamentos, desde atos “aparentemente inócuos e benignos” até ações inequivocamente intimidatórias, intrusivas, ameaçadoras e/ou fisicamente abusivas. O contexto de ocorrência dos comportamentos torna-se, pois, crucial para a sua conceptualização, destacando-se a este nível o seu carácter indesejado e persistente. Pelo exposto, a perceção do alvo/vítima face à experiência assume uma dimensão crítica e central na conceptualização e valoração da mesma (Ferreira, 2016; Mullen, Pathé, Purcell, & Stuart, 1999).

Dados empíricos demonstram que, não raras vezes, as campanhas de *stalking* podem perdurar durante longos períodos de tempo e tendem a assumir um padrão de escalada, quer em termos de frequência dos comportamentos, quer em termos da sua severidade (Sheridan, Blaauw, & Davis, 2003).

Vários autores referem-se ao fenómeno e a esta experiência de vitimização como uma forma de “terrorismo psicológico” (Hall, 1998, p. 133), destacando o efeito nocivo da imprevisibilidade, repetição e persistência deste tipo de comportamentos (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011a).

Não obstante, e contrariamente a outras formas de violência, cujo reconhecimento legal é atualmente inquestionável (e.g., Violência Doméstica, Violação, Furto), regista-se ainda alguma assimetria no tratamento jurídico deste padrão de conduta. Em concreto, a criminalização do *stalking* em Portugal é muito recente e em muitos outros países, nomeadamente da Europa, não é sequer uma realidade. Na sequência da trigésima oitava alteração ao Código Penal Português (Lei n.º 83/2015 de 5 de agosto), o *stalking* – aí designado sob a epígrafe de Perseguição (Art. 154.º-A), aparece autonomamente tipificado como o ato reiterado de “perseguir ou assediar outra pessoa, por qualquer meio, direta ou

indiretamente, de forma adequada a provocar-lhe medo ou inquietação ou a prejudicar a sua liberdade de determinação”.

O estudo científico e sistemático deste fenómeno tem permitido reunir um conjunto importante de conhecimentos acerca das dinâmicas deste tipo de violência, sobre os motivos para a sua prática e também sobre o impacto do mesmo para as vítimas.

O fenómeno de *stalking* não representa um comportamento novo, no entanto, atualmente ainda não se estabeleceu um consenso em relação à sua definição. Esta é uma temática que tem, ao longo das últimas décadas, sido motivo de vários debates, numa tentativa de esclarecer que processos e elementos devem ser incluídos na sua definição.

De facto, em análise mais pormenorizada, é possível concluir que comportamentos de *stalking* foram perpetuados durante centenas de anos. Em trabalhos publicados por Mullen, Pathé e Purcell (2000) foram analisados comportamentos descritos em obras clássicas que estes reconcetualizaram na atualidade como potenciais comportamentos de *stalking*. Entre as obras analisadas incluíram-se trabalhos de Dante Alighieri (1292) e Shakespeare (Dark Lady sonnets, 1592) (Sheridan, *et al.*, 2003).

Como referido, embora não constitua um padrão comportamental novo (*e.g.*, Lowney & Best, 1995; Spitzberg & Cupach, 2007; Way, 1994), apenas a partir do final da década de 90 se começou a registar interesse académico-científico por este fenómeno. Desde então, o estudo desta problemática tem vindo a registar um crescimento significativo em vários países do mundo (Matos, *et al.*, 2011a).

No panorama mundial, os Estados Unidos da América (EUA) foram o primeiro país a aprovar legislação específica nesta matéria (Califórnia, 1989). Inicialmente, o termo *stalking* era utilizado pelos *media* para descrever intrusão a celebridades pelos seus fãs com distúrbios mentais, sendo que, posteriormente, o termo foi generalizado para englobar diversos comportamentos de assédio recorrente (Mullen, *et al.*, 1999). Desde então, o conhecimento deste fenómeno foi ampliado e nos dias de hoje já vários países o reconhecem, conceptual e legalmente. Especificamente, são 14 os países da Europa com leis anti-*stalking* específicas, nomeadamente: Dinamarca (1993), Reino Unido (1997), Malta (1997), Irlanda (1997), Bélgica (1998), Holanda (2000), Áustria (2006), Alemanha (2007), Itália (2009), Luxemburgo (2009), República Checa (2010), Polónia (2011), Suécia (2011) e Portugal (2015). De facto, fica desde logo patente nesta cronologia que a atenção dedicada ao *stalking* no nosso país é particularmente recente. Em Portugal, o fenómeno começou por ser estudado de um ponto de vista científico (2007) e só posteriormente

começou a ser integrado na agenda política, conquistando reconhecimento social e visto como um crime.

Como abordado anteriormente, o *stalking* é um fenómeno complexo e diversificado, desde logo porque pode emergir em diferentes contextos, envolver diferentes tipos de *stalker* e, consequentemente, implicar diferentes tipos de vítimas (e.g., Mullén, Pathé & Purcell, 2000; Pathé, Mullen & Purcell, 2001), conforme se pode verificar nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Tipos de *Stalker* (Mullén, et al., 2000; Pathé, et al., 2001)

	<i>Stalker</i>
<i>Stalker</i> rejeitado	Indivíduo que sai de um relacionamento, geralmente amoroso, e que pretende reatar a relação, atuando como forma de vingança. O mais intrusivo e persistente de todos.
<i>Stalker</i> ressentido	Autodenomina-se como vítima de humilhação ou injustiça, tendo desejos de vingança. Tem consciência do impacto que provoca nas suas vítimas e o seu principal objetivo é assustar ou intimidar. Raramente parte para a agressão física.
<i>Stalker</i> em busca da intimidade	Solitário, com ausência de um parceiro íntimo, sem relacionamento com a vítima.
<i>Stalker</i> cortejador e inadequado	Sem qualquer relacionamento interpessoal. Incapaz de reconhecer o quão perturbador e intimidador pode ser.
<i>Stalker</i> predador	Utiliza a perseguição como fase preliminar da agressão sexual. Tipo de <i>stalker</i> raro.

Tabela 2 - Tipos de vítima (idem)

	Vítima
Vítimas de ex-parceiros	Tipicamente mulheres, alvo de <i>stalking</i> por parte de um ex-parceiro após o término de uma relação de intimidade.
Vítimas de conhecidos ou amigos	Habitualmente o <i>stalker</i> deseja estabelecer uma relação de intimidade com estas. Categoria mais comum para as vítimas do sexo masculino.
Vítimas em contexto de uma relação profissional de apoio	Tipicamente após a interrupção de uma relação de apoio, podendo os comportamentos ser motivados pelo sentimento de rejeição por parte do/a cliente.
Vítimas de desconhecidos	Motivações várias, desde o desejo de estabelecimento de relação de intimidade até ao desejo de vingança e retaliação.
Celebridades vítimas	Exposição mediática de figuras públicas

	Vítima
	sendo um alvo desejável para os/as <i>stalkers</i> . Deste modo, raramente ocorrem situações de violência.
Falsas vítimas	Existem situações de falsas vítimas em que há uma troca de papéis entre a vítima e o/a <i>stalker</i> , a vítima tem a percepção de que está a ser seguida depois de um episódio passado de <i>stalking</i> e, algumas vítimas têm o propósito de querer apenas uma recompensa.

O tipo de comportamentos de *stalking* pode ser influenciado pela relação prévia entre o/a *stalker* e a vítima. Se, por um lado, o/a *stalker* que não tenha tido uma relação de intimidade prévia com a vítima tende a utilizar comportamentos de estilo “romântico”, como, por exemplo, envio de prendas ou de cartas, por outro lado, quando existe uma história de intimidade prévia, os comportamentos poderão assumir um estilo controlador, como destruição de propriedade da vítima ou ameaça de suicídio (Groves, Salfati, & Elliot, 2004).

No contexto de intimidade prévia entre o/a *stalker* e a vítima, a literatura da especialidade tem mesmo identificado o *stalking* como um importante fator de risco para a ocorrência de violência, reforçando a elevada perigosidade associada a este tipo de conduta (Ferreira & Matos, 2013).

O estudo da literatura disponível sobre este tema demonstra a existência de um grupo de fatores associado a um superior nível de desajustamento psicossocial entre as respetivas vítimas. Mais especificamente, foi demonstrado que as mulheres e as vítimas que adotam *coping* passivo são especialmente vulneráveis à experiência de níveis superiores de impacto. Por sua vez, outras fontes destacam que o impacto é mais severo nos casos em que o *stalking* é mais duradouro (Purcell, Pathé & Mullen, 2004a), envolve ameaças (Purcell, Pathé, & Mullen, 2005) e é caracterizado por estratégias mais intrusivas (Blaauw, Winkel, Arensman, Sheridan, & Freeve, 2002a) ou mais diversificadas (Johnson & Kercher, 2009).

Assim, na sua identificação e conceptualização, mais do que elencar comportamentos específicos, importa atender à forma como esses comportamentos (alguns dos quais “aparentemente” inócuos) são levados a cabo: de forma indesejada e não consensual, num registo desproporcional, reiterado e intrusivo, capaz de condicionar a liberdade de ação da pessoa-alvo (e.g., Miglietta & Maran, 2016; Spitzberg, 2016).

As consequências do *stalking* nas vítimas são diversas e localizáveis em diferentes domínios do funcionamento individual. De uma forma geral, a literatura organiza as consequências do *stalking* para as vítimas em três principais domínios: o nível socioeconómico, psicológico e físico.

Relativamente ao grupo de consequências socioeconómicas, estas refletem-se nos custos associados à mudança de casa e/ou emprego; diminuição da produtividade laboral (*e.g.*, faltas ao emprego, absentismo laboral); implementação de estratégias de segurança pessoal (*e.g.*, reforço de fechaduras, compra de dispositivos de proteção); substituição de bens roubados, furtados e/ou danificados; entre outros (*e.g.*, Blaauw, Sheridan & Winkel, 2002b; Brewster, 2000; Kamphuis & Emmelkamp, 2001; Mullen, *et al.*, 2000; Pathé & Mullen, 1997; Tjaden & Thoennes, 1998). Por sua vez, no plano social registam-se alterações de estilo de vida (*e.g.*, alteração de rotinas diárias) e redução de contactos sociais (*idem*).

No que diz respeito às consequências psicológicas, os efeitos nocivos tendem a consubstanciar-se em sentimentos de desconfiança generalizada, paranoia, confusão, medo, nervosismo, raiva ou agressividade, distúrbios de sono, excesso de cansaço ou fraqueza, perturbação do apetite, dores de cabeça frequentes, náuseas, entre outros (*e.g.*, Bjerregaard, 2000; Brewster, 1997; Davis, Coker & Sanderson, 2002; Hall, 1998; Pathé & Mullen, 1997; Sheridan, Davies & Boon, 2001).

Por sua vez, as consequências físicas (Davis, Coker & Sanderson, 2002; Pathé & Mullén, 1997) incluem distúrbios digestivos, alterações de apetite, dores de cabeça, maior fraqueza e cansaço. Neste grupo também se inclui hematomas, queimaduras, ferimentos de arma branca ou de fogo, entre outros.

Apesar de especificadas separadamente importa salientar e alertar para a potencial interligação entre as diferentes áreas de impacto, sendo que, inevitavelmente, as consequências de diferentes níveis influenciam e apresentam impacto em outros níveis (*e.g.* Spitzberg & Cupach, 2007).

Considerando o carácter aleatório do comportamento do/a *stalker* (imprevisibilidade, persistência e repetição) Collins e Wilkas (2001) defendem que os efeitos do *stalking* tendem a ser experienciados num ciclo, o ciclo da crise, constituído por três fases: a fase da antecipação, que consiste na expectativa que as vítimas criam relativamente a futuros ataques; a fase da crise, contingente aos “ataques” e investidas do *stalker*, caracterizada por fortes reações emocionais; e a fase da recuperação, em que a vítima vivencia alguma tranquilidade. Contudo, à medida que os comportamentos se prolongam no tempo, podem

verificar-se alterações neste ciclo, sendo que a fase da crise tende a ser cada vez mais intensa (em paralelo à escalada dos comportamentos) e a fase de recuperação tende a diminuir, podendo até extinguir-se.

Tanto o homem como a mulher pode ser *stalker*. Há mais *stalkers* homens e mais vítimas mulheres, contudo, ambos os géneros se encontram representados em cada lado do crime (Spence-Diehl, 1999).

Recentemente (2014) foi realizado um estudo numa amostra de 42.000 mulheres dos 28 Estados-Membros da União Europeia (UE) onde se verificou que cerca de 18% tinha sido vítima de *stalking* a partir dos 15 anos e em 5% o assédio tinha ocorrido nos 12 meses anteriores ao estudo.

No caso concreto de Portugal foi realizado o primeiro estudo de prevalência de vitimização por *stalking* em 2011. Neste estudo foi eleita uma amostra representativa da população e foi concluído que o *stalking* é um tipo de violência significativo no nosso país e também que os jovens são um grupo de risco para este tipo de crime. Os resultados obtidos neste estudo foram concordantes com outros realizados em países diferentes (Matos, *et al.*, 2011b).

Uma das dinâmicas que tem merecido maior atenção por parte dos investigadores prende-se com a duração deste tipo de campanhas e o risco da sua persistência. Esta atenção justifica-se pelo facto de, comprovadamente, o prolongamento no tempo de comportamentos deste tipo se associar a uma escalada na sua severidade, mas também porque, ao prolongarem-se no tempo, estes comportamentos expõe a vítima à ameaça constante e a um sentimento de perigo eminente, o que acaba por poder deteriorar ainda mais o seu equilíbrio e condição mental (Blauw, *et al.*, 2002a; Kamphuis & Emmelkamp, 2000; Pathé & Mullen, 1997).

Muito embora seja difícil estabelecer um limite concreto e objetivo a respeito da variável duração, a investigação tem demonstrado que o limite das duas semanas é particularmente importante a este nível. Segundo alguns dados (Purcell, Pathé, & Mullen, 2004b), se os comportamentos cessarem até às duas semanas, o risco de persistirem por mais tempo é menor. Pelo contrário, se os comportamentos se prolongarem para além deste período, têm grande probabilidade de perdurar por períodos mais longos de tempo, aumentando o risco de persistência. Estas conclusões levaram mesmo a, nalguns casos, que o limite de duas semanas fosse incorporado como critério de definição e identificação deste tipo de violência.

Ainda assim, a investigação tem vindo a demonstrar que, não raras vezes, as campanhas de *stalking* prolongam-se por longos períodos de tempo, de meses a anos.

O estudo de Tjaden e Thoennes (1998) concluiu que as vítimas de ex-parceiros foram perseguidas, em média, 2.2 anos, enquanto que os que não tinham relação íntima com as vítimas perseguiam-nas durante 1.1 anos.

Spitzberg e Cupach (2007), num estudo de meta-análise a 175 estudos sobre *stalking*, aferiram que nem todos os estudos da duração divulgam dados concretos. A média estimada, nos vários estudos relativos à perseguição, varia entre 22 meses, ou próximo de dois anos.

A duração do *stalking* também parece estar associada com as dimensões do *stalking*, os subgrupos da vítima e a natureza da relação anterior entre a vítima-stalker (Haugaard & Seri, 2003; Spitzberg, Nicastro & Cousins, 1998).

De acordo com Matos *et al.*, (2011b) muitas das vítimas reportaram que o *stalking* durou num intervalo de tempo de duas semanas (21.7%) e seis meses (31.9%). As autoras verificaram que a duração continuou durante mais de dois anos para 15.3% dos participantes

A relação entre a vítima e o/a *stalker*, o sexo e os comportamentos são variáveis trabalhadas por Matos *et al.*, (2011b), que verificaram que a duração do *stalking* se prolongou devido à relação íntima entre a vítima e o/a *stalker*. Porém, o sexo do/a *stalker* não alterou a duração do *stalking*, salientando-se que os comportamentos, nomeadamente, as agressões, à vítima ou a terceiros, na maioria das vezes aconteceram em situações de *stalking* que duraram por mais de 2 anos.

De forma a concluir, podemos verificar que quanto maior for a duração do *stalking*, maior será o risco de dano psicoemocional para a vítima.

1.2 – Saúde Mental e Bem-Estar Psicológico (BEP)

A Psicologia Positiva (PS) é a ciência que estuda a experiência subjetiva positiva, nomeadamente as características individuais e sociais positivas que contribuem para uma melhoria da qualidade de vida e para a prevenção de patologias (Fernandes de Araújo & Bermúdez, 2015). Esta é uma ciência que dá ênfase à compreensão e construção das qualidades mais positivas de um indivíduo: otimismo, coragem, ética de trabalho, responsabilidade social, entre outras. A característica distintiva desta ciência consiste na atenção dedicada ao funcionamento ótimo do Ser Humano não esquecendo os aspetos

negativos que também são domínios intrínsecos à nossa experiência (Vázquez & Chaves, 2016).

Na promoção da saúde mental é essencial considerar estilos de vida que expressem modos de vida positivos. A procura do bem-estar está intimamente ligada à forma como a pessoa absorve e lida com os factos da sua vida e, por isso, este é fundamental para conferir estabilidade emocional e qualidade de resposta às exigências do dia-a-dia (Novo, 2005).

A conceção de saúde inclui o bem-estar como um conceito fulcral. Ao longo de décadas, a literatura relatou diferentes conhecimentos teóricos a este respeito. De acordo com alguns autores, o bem-estar compreende o resultado das avaliações dos indivíduos acerca das suas relações, das suas condições de vida e do meio em que se encontram (Gómez, Gutiérrez, Castellanos, Vergara & Pradilla, 2010; Keyes, 2006).

Para a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2013), a saúde mental e o bem-estar são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, devendo a sua promoção, proteção e reconstituição constituir preocupações essenciais para todo o ser humano e para as sociedades.

A procura pela definição de bem-estar é longa, tendo sido alvo de diversas discussões ao longo dos anos. Tradicionalmente, são considerados dois tipos de bem-estar: Bem-Estar Psicológico (BEP), que aborda o bem-estar desde o desenvolvimento do potencial humano (tradição eudaimónica); e o Bem-Estar Subjetivo (BES), que se foca no conceito de felicidade (tradição hedónica) (Abello-Llanos, Macias, Blanco-Abarca, Madariaga-Orozco, Manrique-Palacio, Martínez-González & Díaz-Méndez, 2009; Siqueira & Padovam, 2008; Vázquez & Chaves, 2016).

A perspetiva hedónica inclui elementos afetivos e cognitivos. Os componentes afetivos incluem afeto positivo (vivência de humor e emoções agradáveis), afeto negativo (vivência de humor e emoções desagradáveis) e o “equilíbrio hedónico”, definido como equilíbrio global entre efeito negativo e positivo. Níveis elevados de bem-estar hedónico não implicam ausência de emoções negativas mas, apesar de as emoções negativas poderem estar presentes, são menos frequentes e proeminentes que as positivas (Vázquez & Chaves, 2016). O BES inclui as respostas emocionais do ser humano, os domínios de satisfação e os julgamentos globais de Satisfação com a vida. Cada um destes fenómenos deve ser entendido separadamente, embora se relacionem (Ribeiro, 2005).

Por sua vez, o BEP centra a sua atenção no desenvolvimento de capacidades e no crescimento pessoal. De acordo com esta perspetiva, as pessoas com níveis superiores de

bem-estar possuem maior autoaceitação e assumem a intenção de se sentirem bem consigo próprias, incluindo ser conscientes das suas próprias limitações (Abello-Llanos *et al.*, 2009; Ryff, 1989).

Além destas duas formas de bem-estar clássico, Blanco e Díaz (2005), Keyes (1998), expuseram a incapacidade do ser humano de se abster da realidade e muito menos esquecer o contexto social no qual se encontra imerso. Surge assim o interesse pelo estudo do Bem-Estar Social, enquadrável na perspetiva eudaimónica e definido como a avaliação que a pessoa realiza aos critérios da sociedade na qual está inserido (Abello-Llanos *et al.*, 2009; Keyes, 1998).

Huta e Waterman (2014) afirmam que na perspetiva eudamónica o enfoque está nas experiências, ou seja, de que forma as atividades são interessantes ou atrativas. Foi considerada a abertura à experiência como positivo no funcionamento psicológico, sendo que mais recentemente já foram consideradas variáveis como, complexidade, curiosidade, crescimento pessoal e competência, bem como, significado ou propósito na vida, auto-realização e excelência, tendo dado importância à orientação eudaimónica, isto é, uma tendência para buscar desafio e complexidade.

Tendo em conta Huta e Waterman (2014), a perspetiva eudaimónica, a que verdadeiramente nos interessa, pode ser vista de formas diferentes, como um modo de se comportar, como uma forma de funcionamento, pelo crescimento, significado, autenticidade e excelência, enquanto a perspetiva hedónica, como um modo de sentir, como uma experiência, pelo prazer, gozo, conforto e ausência de angústia, são fulcrais no que diz respeito ao bem-estar psicológico.

No mesmo estudo (Huta & Waterman, 2014) eudamonia é vista como orientação, na qual o indivíduo mostra que valoriza e se motiva em termos de crescimento pessoal, sendo que o crescimento eudamónico pode ser visto como um aumento da maturidade, autoconsciente, ter em conta as perspetivas dos outros e as consequências a longo prazo.

Muito embora as perspetivas eudamónica e hedónica possam ser tidas de forma independente, existe um consenso cada vez maior relativamente à sua interligação. Apesar das pessoas poderem apenas realizar atividades geradoras de hedonia, provavelmente todas as atividades eudamónicas estão positivamente relacionadas com hedonia. Por outras palavras, as atividades que aumentam as competências pessoais e o funcionamento ótimo, necessariamente têm impacto sobre os *outcomes* hedónicos (*e.g.*, satisfação com a vida ou afeto positivo). Fica assim evidente que as conexões estabelecidas entre estes dois pilares de bem-estar são mais profundas do que previamente pensado (Vázquez & Chaves, 2016).

De facto, atualmente, a maioria dos modelos compreensivos de bem-estar incluem componentes hedônicas e eudamônicas.

De acordo com Silva e colaboradores (2007), uma rutura na sensação de sentir-se psicologicamente bem pode estar associada à vivência de eventos de *stress* nas esferas pessoal, social ou cultural, afetando comportamentos e influenciando a percepção de saúde do sujeito, traduzindo-se, conseqüentemente, em sofrimento pessoal (*e.g.*, perda/a morte de uma pessoa importante para o indivíduo, desemprego, separação conjugal, bem como o roubo e doenças na família). Como tal, o BEP constitui um elemento preventivo para a saúde e um fator importante para uma vida construtiva e preenchida por felicidade.

Segundo Queros (2003), o conceito de BEP corresponde a uma busca de ideal, de excelência, de crescimento pessoal ou de autorrealização e está associado ao ajustamento emocional e social, na medida em que engloba as expectativas sociais e emocionais, considerando os atributos físicos, cognitivos e afetivos, idade e género. Nesta linha de pensamento, os indivíduos bem ajustados psicologicamente têm uma melhor habilidade para se adaptar às demandas e dificuldades, quer em termos sociais quer em termos emocionais (Neri & Resende, 2009). Desta forma, o BEP pode ser definido como a percepção que cada um de nós tem do seu próprio ajustamento emocional e social em relação aos desafios da sua vida.

Na psicologia, e não obstante os contributos teóricos e empíricos decorrentes do estudo do BES, vários autores têm vindo a destacar as potencialidades e solidez teórico-empírica do constructo e do modelo de BEP (*e.g.* Novo, 2005). Este modelo, proposto inicialmente por Ryff (1989) e reorganizado e reformulado mais tarde por Ryff e Keyes (1995), propõe seis dimensões centrais do desenvolvimento e funcionamento positivos: 1) **aceitação de si**, definida como o aspeto central da saúde mental trata-se de uma característica que revela elevado nível de autoconhecimento, ótimo funcionamento e maturidade. Atitudes positivas sobre si mesmo emergem como uma das principais características do funcionamento psicológico positivo; 2) **relações positivas com os outros**, descrito como fortes sentimentos de empatia e afeição por todos os seres humanos, capacidade de amar fortemente, manter amizade e identificação com o outro; 3) **domínio do meio**, que compreende a capacidade do indivíduo para escolher ou criar ambientes adequados às suas características psíquicas, de participação acentuada em seu meio e manipulação e controle de ambientes complexos; 4) **crescimento pessoal**, que consiste na capacidade do indivíduo em escolher ou criar ambientes adequados às suas características psíquicas, com participação acentuada no seu meio e manipulação e controle de ambientes

complexos; 5) **objetivos na vida**, com a manutenção de objetivos, intenções e de senso de direção perante a vida, mantendo o sentimento de que a vida tem um significado; 6) **autonomia**, cujos indicadores são o *locus* interno de avaliação e o uso de padrões internos de autoavaliação, resistência à aculturação e independência acerca de aprovações externas.

As formulações psicológicas sobre o desenvolvimento humano servem como base para as concepções teóricas do BEP, que por sua vez são dimensionadas em capacidades para enfrentar os desafios da vida (Siqueira & Padovam, 2008).

1.3 – *Stalking* e BEP: uma dimensão lacunar na literatura científica

Segundo a WHO a saúde pode ser definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou efemeridade” (WHO, 2001, p.1). Por sua vez, e de forma mais específica, a mesma entidade refere-se à saúde mental como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo perceba suas próprias habilidades, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar de forma produtiva e frutífera, e é capaz de fazer uma contribuição para a sua comunidade” (WHO, 2005, p.1).

A Saúde Mental e, em particular, o bem-estar têm sido estudados em diversas populações, concluindo-se de forma relativamente consensual que a sua deterioração está associada à vivência de experiências adversas, nomeadamente doenças do foro físico (*e.g.*, Reis & Narciso, 2010) e situações de vitimação interpessoal (*e.g.*, Beeble, Sullivan, & Bybee, 2010; Chan & Zhang (2011); Clausen, Hogh, Carneiro, & Borg, 2013; Martins, Gouveia, Chaves, Lourenço, Marques & Santos, 2014). Ainda assim, e no caso específico das experiências de vitimação, importa sublinhar que a investigação levada a cabo ao longo das últimas décadas sempre privilegiou e continua a privilegiar o estudo dos indicadores negativos de funcionamento psicológico, focando-se nas respostas emocionais desadaptativas e/ou sintomas psicopatológicos.

No caso específico do *stalking*, e de acordo com a revisão de literatura, até à data, apenas dois trabalhos avaliaram dimensões de bem-estar entre as vítimas (Dressing, Kuehner, & Gass, 2005; Dressing, Gass, & Kuehner, 2007).

Num estudo conduzido com uma amostra de 679 indivíduos, residentes numa cidade alemã de média dimensão, Dressing, Kuehner e Gass (2005) concluíram que a experiência de vitimação por *stalking* estava negativamente associada ao bem-estar, sendo que as vítimas relataram níveis inferiores de qualidade de vida. Neste trabalho, a

prevalência identificada deste tipo de violência interpessoal foi de 12% e 32% entre as mulheres e 4% e 17% entre os homens. As principais conclusões deste estudo no bem-estar foram a identificação da elevada prevalência de *stalking* ao longo da vida na comunidade, bem como o facto dos efeitos da saúde psicológica das vítimas serem significativos, alertando para a necessidade de dar mais atenção a este facto por parte da investigação na saúde mental. A nível do bem-estar foi encontrada uma correlação entre ter sido sempre uma vítima de perseguição e o sofrimento psicológico atual.

Num outro estudo dos mesmos autores (Dressing, Gass, & Kuehner, 2007) o ato de *stalking*, tal como outros crimes, acarreta consequências para a vítima. Isto foi avaliado num estudo realizado por estes autores, com uma amostra aleatória de 2000 pessoas na Alemanha, no qual cerca de 12% da população avaliada teria sido vítima deste fenómeno. Como principais conclusões do estudo a nível do bem-estar, estão a alta prevalência ao longo da vida de perseguição na comunidade, bem como o facto dos efeitos de saúde psicológica das vítimas terem sido significativos, violência física (31%) e sexual (19%) no contexto de perseguição.

Apesar da importância destes trabalhos e do seu carácter inovador relativamente ao foco “tradicional” no défice e no impacto psicológico, importa destacar que os mesmos avaliaram o bem-estar de forma relativamente “paralela” a outros objetivos e, por outro lado, ambos assumiram uma perspetiva exclusivamente hed  nica deste constructo.

1.4 - Modelo conceptual da investiga  o

Como referido previamente, o *stalking* constitui um fenómeno de violência socialmente expressivo, complexo e multifacetado, com impacto significativo para as respetivas vítimas. Contudo, e não obstante a importância destas dimensões,    importante expandir o estudo desta temática e procurar alcançar uma compreensão mais holística do fenómeno, bem como da experiência de vitimiza  o. Esta nova e necessária perce  o deve considerar não apenas os fatores de risco e os indicadores de funcionamento inadequados, mas também deve integrar os fatores de prote  o e os indicadores de adapta  o do funcionamento individual.

Considerando a importância documentada da dura  o deste tipo de campanhas ao nível do funcionamento psicológico das vítimas, o principal objetivo deste estudo    testar o papel moderador da dura  o da experiência de vitima  o por *stalking* na predic  o do

funcionamento psicológico atual, tendo como variável antecedente a frequência dos comportamentos deste tipo, sofridos durante o último ano. De referir que o funcionamento psicológico atual é aqui conceptualizado em termos de (i) Sintomatologia Psicopatológica (Depressão e Ansiedade) e (ii) Bem-Estar Psicológico (Autonomia, Domínio do Meio, Crescimento Pessoal, Relações Positivas, Objetivos na Vida e Aceitação de Si).

Tendo em conta os argumentos teóricos supramencionados, apresentamos de seguida os esquemas dos modelos de moderação para a associação das variáveis em estudo que pretendemos analisar.

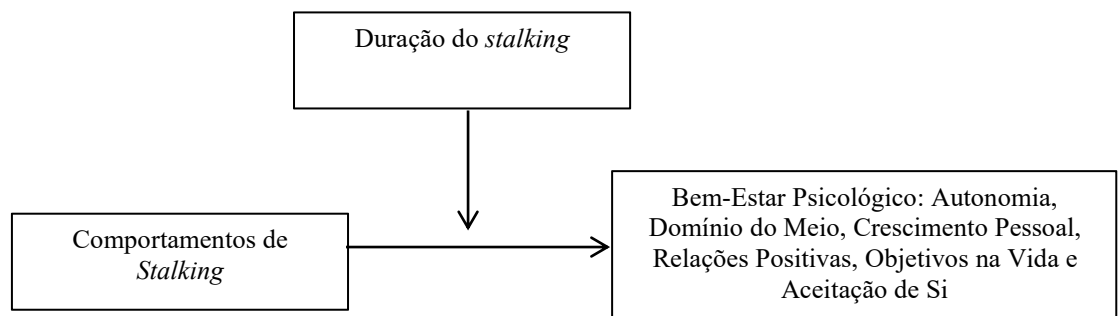


Figura 1. Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição do bem-estar psicológico

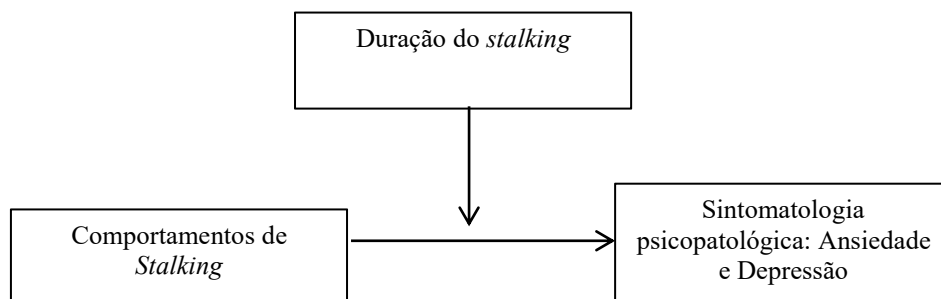


Figura 2. Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica

Deste modo, estabelecemos as seguintes hipóteses de estudo:

H₁: A frequência dos comportamentos de vitimação por *stalking* está positivamente correlacionada com a sintomatologia ansiosa e com a sintomatologia depressiva.

H₂: A duração da experiência de *stalking* modera a relação entre a frequência dos comportamentos e a sintomatologia psicopatológica (Depressão e Ansiedade), esperando-se que o efeito da frequência dos comportamentos em cada um destes tipos de sintomatologia seja maior em condições de maior duração.

H₃: A frequência dos comportamentos de vitimação por *stalking* está negativamente correlacionada com cada uma das sub-dimensões do bem-estar psicológico: Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de si.

H₄: A duração da experiência de *stalking* modera a relação entre a frequência dos comportamentos e cada uma das supramencionadas sub-dimensões de BEP, esperando-se que o efeito das frequências dos comportamentos em cada uma destas dimensões de BEP seja menor em condições de menor duração.

Parte empírica

2 - Metodologia

2.1 - Caracterização sociodemográfica da amostra

A amostra do estudo foi constituída por um total de 494 participantes, na maioria mulheres (74.8%), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos (M= 32.35; DP= 9.43).

Na sua quase totalidade, a amostra foi constituída por sujeitos de nacionalidade portuguesa (99.2%), residentes principalmente nos distritos do Porto (41.8%), Viana do Castelo (13.9%) e Braga (13.3%).

Mais de metade dos sujeitos eram solteiros (64.5%) e mantinham, à data da recolha dos dados, um relacionamento amoroso (71.8%), dos quais 46.3% com coabitação.

Cerca de metade dos participantes (49.2%) classificaram o seu nível socioeconómico como médio e, na sua maioria, tinham formação académica de nível superior (77.2%) e encontravam-se empregados (60.5%).

Tabela 3
Características sociodemográficas da amostra

	M (DP; Min., Max.) / % (N)
Sexo	
Feminino	74.8 (368)
Masculino	25.2 (124)
Idade	32.35 (9.43; 18, 63)
Nacionalidade	
Portuguesa	98.2 (485)
Outra	1.8 (9)
Distrito	
Aveiro	9.1 (44)
Beja	.4 (2)
Braga	13.3 (64)

	M (DP; Min., Max.) / % (N)
Castelo Branco	.6 (3)
Coimbra	.6 (3)
Évora	.4 (2)
Faro	.2 (1)
Guarda	.2 (1)
Leiria	.8 (4)
Lisboa	8.5 (41)
Porto	41.8 (201)
Santarém	.2 (1)
Setúbal	1.2 (6)
Viana do Castelo	13.9 (67)
Vila Real	6 (29)
Viseu	1.2 (6)
R.A. Açores	.6 (3)
R.A. Madeira	.6 (3)
Estado Civil	
Solteiro/a	64.5 (316)
Casado/a	28.6 (140)
Divorciado/a	6.5 (32)
Viúvo/a	.4 (2)
Envolvimento relacional/amoroso atual	
Sem Relação de Intimidade	28.2 (138)
Com Relação de Intimidade, Sem coabitação	25.5 (125)
Com Relação de Intimidade, Com coabitação	46.3 (227)
NSE	
Baixo	7.1 (35)
Médio-Baixo	32.6 (161)
Médio	49.2 (243)
Médio-Alto	10.9 (54)
Alto	.2 (1)
Escolaridade	
1º Ciclo EB	.4 (2)
2º Ciclo EB	.8 (4)
3º Ciclo EB	2 (10)
Secundário	18.2 (90)
1º Ciclo ES/Licenciatura	46.4 (229)
2º Ciclo ES/Mestrado	23.7 (117)
3º Ciclo ES/Doutoramento	7.1 (35)
Outro	1.4 (7)
Condição Escolar/Profissional atual	
Estudante	18 (89)
Trabalhador	60.5 (299)
Trabalhador-Estudante	9.5 (47)
Desempregado	10.9 (54)
Reformado	1 (5)

Nota: Os N's totais variam ligeiramente devido aos Missing Values e, por isso, são reportadas as percentagens válidas.

2.2 - Instrumentos

Nesta secção passaremos a descrever os instrumentos utilizados neste estudo.

- Questionário sociodemográfico: consiste em questões acerca do sexo, idade, nacionalidade, distrito de proveniência, país de naturalidade, estado civil, envolvimento amoroso atual, nível socioeconómico, escolaridade e condição escolar/profissional atual.

- Escalas de Bem-Estar Psicológico (EBEP; Ryff, 1989, adaptado por Novo, 2003): Trata-se de um instrumento que pretende avaliar o Bem-Estar Psicológico através de 6 sub-dimensões (Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de si) com 14 itens cada, num total de 84 itens. Os itens são respondidos numa escala do tipo *Likert* de seis pontos, desde *Discordo totalmente* (1) a *Concordo totalmente* (6).

Inventário de Sintomas Psicopatológicos - BSI (Degoratis, 1982, versão adaptada para a população portuguesa adaptada por Canavarro, 2007): Este instrumento de autorrelato foi selecionado por fornecer uma avaliação sumária de sintomatologia psicopatológica. É constituído por um total de 53 itens, avaliados numa escala de tipo *Likert* com 5 pontos (de Nunca a Muitíssimas vezes, equivalente de 0 a 4) e permite obter informação relativamente a nove dimensões de sintomatologia (Somatização, Obsessões-Compulsões, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranóide e Psicoticismo) e o cálculo de três índices globais (IGS – Índice Geral de Sintomas, TSP – Total de Sintomas Positivos e ISP – Índice de Sintomas Positivos). De acordo com os estudos psicométricos realizados na população portuguesa, apresenta bons níveis elevados de consistência interna para todas as dimensões, sendo que os valores de *alpha de Cronbach* variam entre .73 (sub-escala psicoticismo) .85 (sub-escala depressão). Para efeitos deste estudo, utilizar-se-ão apenas as sub-escalas relativas a Depressão (6 itens) e Ansiedade (Ansiedade).

Inventário de Vitimação por *Stalking* - IVS (Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2009): Este instrumento avalia dinâmicas de vitimação por *stalking*, nomeadamente comportamentos (11 itens; escala de resposta tipo *Likert* de cinco pontos, desde *Nunca* [0] a *Muitíssimas vezes* [4]), autor (*Pessoa desconhecida, Pessoa com quem mantinha relação íntima, Ex-parceiro/a íntimo, Outro familiar, Amigo/a ou colega de trabalho/estudo, Outro*), frequência (escala de resposta tipo *Likert* de quatro pontos, desde *Menos de uma vez por mês* a *Diariamente*) e duração (escala de resposta tipo *Likert* de seis pontos, desde *Menos de 2 semanas* a *Mais de 2 anos*).

2.3 – Procedimentos

Este estudo enquadra-se num projeto de investigação mais amplo, levado a cabo por uma equipa de investigadores da ULP (Universidade Lusófona do Porto) e do ISCTE-

IUL (Instituto Universitário de Lisboa), visando recolher dados sobre diferentes experiências de vida e sobre a forma como as pessoas se sentem face às mesmas.

Para a elaboração deste estudo foram contactados os autores dos instrumentos utilizados por forma a obtermos a devida autorização para a utilização dos mesmos.

A recolha de dados foi realizada *online*, depois dos questionários terem sido introduzidos numa plataforma informática especificamente designada para o efeito (GoogleForms). A divulgação do estudo aconteceu nas redes sociais e através de *mailing lists*, procurando-se alcançar um maior número de pessoas possível. De notar que na apresentação do estudo foi tornado claro o carácter anónimo e voluntário da participação e disponibilizado um contacto de e-mail para o caso dos participantes pretenderem contactar a equipa de investigação.

Os participantes tinham de ter no mínimo 18 anos de idade, de forma a serem capazes de dar a sua participação. A recolha de dados decorreu do mês de maio a julho de 2016.

Os dados recolhidos foram analisados através do *software IBM SPSS Statistics* (SPSS, versão 23.0).

Todos os procedimentos foram realizados de acordo com a lei da Proteção de Dados Pessoais n. 67/98 de 26 de Outubro e Deliberação No 227/2007, bem como o código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), especificamente o artigo 7.

Resultados

3.1 - Medidas descritivas das variáveis em estudo

Começamos por apresentar na Tabela 4 as medidas descritivas (Média, Desvio-Padrão, Mínimo e Máximo) das variáveis em estudo: IVS, Duração do *stalking*, BSI (Total e sub-escalas Depressão e Ansiedade), EBEP (Total e respectivas sub-escalas).

Tabela 4
Estatísticas descritivas dos comportamentos de Stalking e sua duração, da Sintomatologia Psicopatológica e do Bem-Estar Psicológico

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Max</i>
IVS (Total)	2.24	4.86	0	44
Duração (Duraç)	2.73	1.90	1	6

BSI	Total	11.32	9.40	0	48
	Depressão	5.44	5.20	0	24
	Ansiedade	5.94	4.81	0	24
EBEP	Total	386.32	48.68	192	485
	Autonomia	63.95	9.89	33	84
	Domínio Meio	59.57	9.17	22	82
	Crescimento Pessoal	69.33	8.75	38	84
	Relações Positivas	65.73	10.51	34	84
	Objectivos Vida	65.76	9.80	21	84
	Aceitação de si	62.47	10.41	19	84

Comportamentos de *stalking* e sintomatologia psicopatológica – Teste da Hipótese 1¹

Apresentamos na Tabela 5 os resultados relativos às correlações entre os comportamentos de *stalking* e as sub-escalas de Depressão e Ansiedade. Tal como se ilustra, foram encontradas correlações positivamente significativas entre a variável relativa aos comportamentos de *stalking* experienciados e ambas as sub-escalas de psicopatologia, indicando que níveis superiores deste tipo de comportamentos se associam a níveis superiores de sintomas depressivos e ansiosos.

Tabela 5
Correlação entre os comportamentos de *Stalking* e a Sintomatologia Psicopatológica (depressão e ansiedade)

	1	2	3
1. IVS	-		
2. BSI_Dep	.377 ***	-	
3. BSI_Ans	.302 ***	.764 ***	-

Nota. Os valores apresentados representam *Coeficientes de correlação de Pearson*. *** p < .001

¹ A frequência dos comportamentos de vitimação por *stalking* está positivamente correlacionada com a sintomatologia ansiosa e com a sintomatologia depressiva.

Comportamentos de *stalking*, Duração e sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação – Teste da Hipótese 2²

De modo a procedermos à análise do potencial efeito moderador da duração na relação entre comportamentos de *stalking* sofridos e sintomatologia psicopatológica, efetuámos duas análises de regressão hierárquica (VD₁: Depressão; VD₂: Ansiedade). Para tal, procedemos à centralização da variável independente/preditora (Comportamentos de *stalking*) e da variável moderadora (Duração), por forma a eliminar a colinearidade não essencial. Estas variáveis foram inseridas no modelo em dois blocos, sendo que o bloco 1 incluiu os comportamentos de *stalking* (IVS) e a duração; o bloco 2 incluiu o fator de interação (IVS*Duração).

Tal como se ilustra na Tabela 6, os resultados não indicaram qualquer efeito de interação/moderação estatisticamente significativo da variável duração na relação entre os comportamentos de *stalking* sofridos e a Depressão ($\beta = .033$, $p = .818$), assim como entre aquele tipo de comportamentos e a Ansiedade ($\beta = -.023$, $p = .875$).

Tabela 6

Comportamentos de Stalking, Duração e Sintomatologia Psicopatológica: Testes de moderação

		R ²	F (df1, df2)	p	B	β	p
BSI_Dep	Bloco 1						
	IVS	.144	(2, 118)	<.001	.424	.396	<.001
	Duraç		9.903		-.125	-.046	.626
	Bloco 2						
	IVS	.144	(3, 117)	<.001	.399	.373	.007
	Duraç		6.567		-.145	-.053	.594
	IVS*Duraç				.009	.033	.818
BSI_Ans	Bloco 1						
	IVS	.092	(2, 119)	.003	.307	.310	.002
	Duraç		5.995		-.050	-.020	.838
	Bloco 2						
	IVS	.092	(3, 118)	.010	.323	.326	.022
	Duraç		3.972		-.037	-.015	.886
	IVS*Duraç				-.006	-.023	.875

Nota. As análises foram efetuadas com as VI's centradas (IVS e Duraç), por forma a eliminar a colinearidade não essencial. Os valores β representam coeficientes não padronizados.

² A duração da experiência de *stalking* modera a relação entre a frequência dos comportamentos e a sintomatologia psicopatológica (Depressão e Ansiedade), esperando-se que o efeito da frequência dos comportamentos em cada um destes tipos de sintomatologia seja maior em condições de maior duração.

Comportamentos de *Stalking* e Bem-Estar Psicológico: Testes de correlação *Pearson* à Hipótese 3³

A Tabela 7 descreve os resultados relativos às correlações entre os comportamentos de *stalking* e as seis sub-dimensões do Bem-Estar Psicológico (Autonomia, Domínio do Meio, Crescimento Pessoal, Relações Positivas, Objetivos na Vida e Aceitação de Si). Os resultados obtidos indicaram a existência de correlações negativamente significativas entre os comportamentos de *stalking* e todas as sub-dimensões do Bem-Estar Psicológico, ou seja, níveis superiores deste tipo de comportamentos estavam associados a níveis inferiores de bem-estar.

Tabela 7
Correlação entre os comportamentos de *Stalking* e as sub-dimensões do Bem-Estar Psicológico

	1	2	3	4	5	6	7
1. IVS	-						
2. EBEP_A	-.152 **	-					
3. EBEP_DM	-.262 ***	.582 ***	-				
4. EBEP_CP	-.186 ***	.560 ***	.549 ***	-			
5. EBEP_RP	-.225 ***	.402 ***	.613 ***	.575 ***	-		
6. EBEP_OV	-.292 ***	.555 ***	.771 ***	.644 ***	.615 ***	-	
7. EBEP_AS	-.259 ***	.653 ***	.809 ***	.605 ***	.653 ***	.766 ***	-

Nota. Os valores apresentados representam *Coeficientes de correlação de Pearson*. ** $p < .01$; *** $p < .001$

Comportamentos de *Stalking*, Duração e BEP: Testes de Moderação realizados para a Hipótese 4⁴

Por forma a analisarmos o potencial efeito moderador da duração do *stalking* na relação entre a experiência de comportamentos deste tipo e Bem-Estar Psicológico, efetuámos também um conjunto de análises de regressão hierárquica (seis), considerando agora como VD's cada uma das sub-dimensões do bem-estar (VD1: Autonomia; VD2: Domínio da Meio; VD3: Crescimento Pessoal; VD4: Relações Positivas; VD5: Objetivos

³ A frequência dos comportamentos de vitimação por *stalking* está negativamente correlacionada com cada uma das sub-dimensões do bem-estar psicológico: Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de si.

⁴ A duração da experiência de *stalking* modera a relação entre a frequência dos comportamentos e cada uma das supramencionadas sub-dimensões de BEP, esperando-se que o efeito da frequência dos comportamentos em cada uma destas dimensões de BEP seja menor em condições de menor duração.

na Vida; VD6: Aceitação de Si). Mais uma vez, utilizámos para o efeito os valores centrados da variável independente/preditora (IVS) e da moderadora (Duração), por forma a eliminar a colinearidade não essencial. Inserimos também estas variáveis em dois blocos, sendo que o bloco 1 incluiu sempre os comportamentos de *stalking* (IVS) e a duração; o bloco 2 incluiu sempre o fator de interação (IVS*Duração).

Os resultados obtidos e apresentados na Tabela 8, indicaram um efeito de interação/moderação estatisticamente significativo da duração na relação entre os comportamentos de *stalking* e a dimensão relativa ao Domínio do Meio ($\beta = .375$, $p = .011$). Não foram encontrados outros efeitos de interação/moderação estatisticamente significativos da duração no que concerne às outras variáveis dependentes e independentes/preditoras.

Tabela 8
Comportamentos de Stalking, Duração e BEP: Testes de Moderação

		R ²	F (df1, df2)	p	B	β	p
EBEP_A	Bloco 1						
	IVS	.023	(2, 120)	.241	-.295	-.145	.146
	Duraç		1.438		-.088	-.017	.865
	Bloco 2						
	IVS	.028	(3, 119)	.330	-.460	-.226	.119
	Duraç		1.156		-.223	-.043	.684
	IVS*Duraç				.059	.118	.440
EBEP_DM	Bloco 1						
	IVS	.093	(2, 116)	.004	-.628	-.333	.001
	Duraç		5.932		.826	.171	.081
	Bloco 2						
	IVS	.143	(3, 115)	<.001	-1.116	-.591	<.001
	Duraç		6.375		.429	.089	.377
	IVS*Duraç				.174	.375	.011
EBEP_CP	Bloco 1						
	IVS	.038	(2, 117)	.103	-.384	-.213	.035
	Duraç		2.317		.306	.066	.507
	Bloco 2						
	IVS	.068	(3, 116)	.043	-.025	-.014	.922
	Duraç		2.807		.599	.130	.214
	IVS*Duraç				-.128	-.289	.058
EBEP_RP	Bloco 1						
	IVS	.052	(2, 119)	.042	-.450	-.208	.036
	Duraç		3.261		-.223	-.040	.682
	Bloco 2						
	IVS	.053	(3, 118)	.090	-.362	-.167	.245
	Duraç		2.211		-.151	-.027	.793
	IVS*Duraç				-.032	-.060	.693
EBEP_OV	Bloco 1						
	IVS	.101	(2, 116)	.002	-.706	-.350	.000
	Duraç		6.549		.728	.141	.148
	Bloco 2						
	IVS	.125	(3, 115)	.001	-1.068	-0.529	.000
	Duraç		5.498		.433	.084	.409

	IVS*Duraç				.129	.261	.078
EBEP_AS	Bloco 1						
	IVS	.073	(2, 116)	.012	-.630	-.294	.003
	Duraç		4.562		.467	.085	.388
	Bloco 2						
	IVS	.075	(3, 115)	.028	-.756	-.353	.015
	Duraç		3.130		.364	.066	.524
	IVS*Duraç				.045	.085	.573

Posteriormente, recorreremos ao *ModGraph* de modo a apresentar graficamente o resultado estatisticamente significativo encontrado (cf., Gráficos 1).

Tal como ilustrado, os participantes com níveis superiores de comportamentos de *stalking* tendem a reportar níveis superiores de Bem-Estar Psicológico – Domínio do Meio, quando experienciam campanhas deste tipo de duração mais elevada.

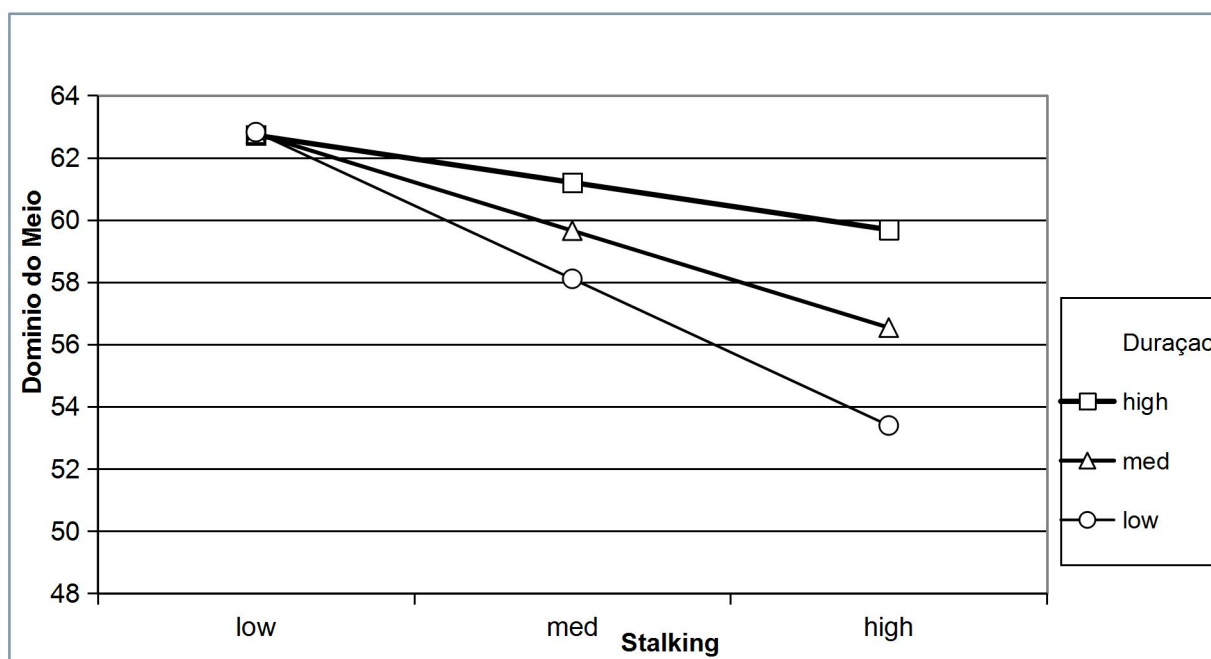


Gráfico 1. Efeito Moderador da Duração – Comportamentos de *stalking* e Domínio do Meio

Discussão

Com este estudo pretendeu-se, por um lado, aferir a associação do *stalking* com as dimensões de psicopatologia e com as dimensões do bem-estar psicológico e, por outro lado, analisar o papel moderador da duração da experiência de vitimação por *stalking* nas mesmas dimensões de psicopatologia e bem-estar psicológico.

No que concerne às hipóteses de associação avançadas (primeira e terceira hipóteses) estas foram confirmadas.

Especificamente, relativamente à primeira hipótese de investigação, verificou-se que a frequência dos comportamentos de *stalking* se associava positivamente com as dimensões de psicopatologia (ansiedade e depressão). Os resultados apresentados corroboram as ilações obtidas em estudos anteriores (e.g. Blauw *et al.*, 2002 a) b); Kamphuis & Emmelkamp, 2000; Pathé & Mullen, 1997) e reforçam o efeito nocivo deste tipo de experiência de vitimação.

Já na terceira hipótese de investigação, verificou-se que a frequência dos comportamentos de *stalking* se associava negativamente com as dimensões do BEP (autonomia, domínio do meio, crescimento pessoal, relações positivas, objetivos na vida e aceitação de si). Estes resultados reforçam as evidências acerca do potencial efeito negativo da vitimação por *stalking* nas respetivas vítimas, sinalizando que quanto maior a frequência deste tipo de comportamentos, menor o BEP, em todas as suas dimensões. Contrariamente à maioria dos estudos anteriores, que se focaram exclusivamente na relação entre a vitimação por *stalking* e indicadores de sintomatologia (Bjerregaard, 2000; Brewster, 1997; Davis, Coker & Sanderson, 2000; Dressing, Kuehner & Gass, 2005; Grangeia, 2012; Kamphuis e Emmelkamp, 2001; Matos *et al.*, 2012; Pathé & Mullen, 1997; Silva e colaboradores, 2007), este estudo considerou e analisou também a dimensão do BE, nomeadamente do BEP, como parte integrante da Saúde Mental. Tendo-se, pois, assumido esta perspetiva multidimensional do constructo, foi possível atestar que a vitimação por *stalking* (frequência dos comportamentos), não só se associa a níveis superiores de sintomatologia (como ilustrado anteriormente), como também a níveis inferiores de BE, dimensão tida como essencial para o funcionamento positivo dos indivíduos (para além da mera ausência de condições clínicas).

De referir que, na medida do nosso conhecimento, apenas dois trabalhos anteriores sobre *stalking* haviam assumido esta perspetiva (Dressing *et al.*, 2005, 2007), muito embora o tenham feito de forma menos aprofundada e considerando exclusivamente a Qualidade de Vida – uma dimensão especificamente associada ao BE hedónico.

Apesar disso, o estudo da relação entre outras experiências de vitimação e bem-estar na idade adulta tem vindo a adquirir visibilidade crescente e a merecer progressiva atenção por parte dos investigadores (e.g., Beeble, Bybee & Sullivan, 2010; Buchanan, Bergman, Bruce, Woods, & Lichty, 2009; Chan & Zhang, 2011; Martins, *et al.*, 2014). Esta evolução, que os estudos sobre *stalking* devem acompanhar, vai ao encontro da necessidade de se alargar o estudo das experiências de vitimação a indicadores de funcionamento positivo e/ou de saúde mental, condição tida por vários autores como

imprescindível para se alcançar uma compreensão mais holística e integrada dos fenómenos em geral (Bonanno, 2004; Grych, Hamby & Banyard, 2015) e do stalking em particular.

Os resultados obtidos nos modelos de moderação são, contudo, menos conclusivos. Estudos anteriores sobre stalking têm vindo a atribuir particular relevância à duração deste tipo de campanhas, descrevendo-o como central na explicação e predição do impacto reportado pelas vítimas (e.g., Haugaard & Seri, 2003; Tjaden & Thoennes, 1998; Matos *et al*, 2011; Spitzberg & Cupach, 2007; Spitzberg, Nicastro & Cousins, 1998). Especificamente, vários autores sugerem que experiências de stalking mais duradouras e/ou persistentes no tempo estão associadas a níveis superiores de sintomatologia psicopatológica, pela imposição prolongada da vítima à ameaça e sentimentos de insegurança, entre outros.

Considerando estes resultados da investigação prévia e, mais uma vez, assumindo uma perspetiva multidimensional de Saúde Mental, considerou-se válido testar empiricamente o potencial papel moderador da duração na relação entre a frequência dos comportamentos e o funcionamento psicológico, aqui conceptualizado em termos de indicadores clínicos (Ansiedade e Depressão) e indicadores de BEP.

Tal como descrito nos resultados obtidos, a duração não se revelou um moderador estatisticamente significativo da relação entre os comportamentos sofridos (frequência) e as variáveis sintomatológicas. Este resultado, contrário ao hipotetizado, deve ser tido com necessária cautela e algumas questões metodológicas devem ser tidas em linha de conta. Importa, desde logo, notar que estes resultados foram obtidos junto de uma amostra de conveniência e recolhida através da estratégia online, algo homogénea no que concerne a várias das suas características sociodemográficas (e.g., habilitações académicas, NSE). Para além disso, o facto de terem sido utilizadas unicamente medidas de autorrelato pode ter patrocinado o sub-relato de experiências individuais de vitimação (quer ao nível dos comportamentos sofridos, quer em termos da estimativa da sua duração). Esta chamada de atenção é particularmente importante no tipo de vitimação em questão (*stalking*), uma forma de violência cujo reconhecimento está muito assente na interpretação e valoração da pessoa-alvo mas que, no nosso país, está ainda em processo de “desocultação”. Para além disso, e mesmo em contextos mais “sensíveis” a este problema, sabe-se que esta conduta é extremamente permeável à tolerância sociocultural, aumentando o risco de sub-relato da mesma, desde logo porque os comportamentos deste tipo são suscetíveis a interpretações e

legitimações culturais, facilmente “romantizados” nos discursos sociais (Grangeia & Matos, 2010).

Por outro lado, a duração do *stalking* afigurou-se um moderador estatisticamente significativo na relação entre a frequência dos comportamentos e o BEP – ‘Domínio do Meio’. Especificamente, mas em sentido contrário ao hipotetizado, indivíduos que reportaram ter sofrido comportamentos de *stalking* num registo mais frequente revelaram maior BEP (Domínio do Meio), quando experienciam campanhas deste tipo mais duradouras. Para além de contrário ao inicialmente antecipado, a escassez de estudos prévios a este nível específico impõe a leitura e interpretação deste resultado à luz de outras propostas e modelos teóricos. Segundo o modelo de Grych e colaboradores (2015), proposto para explicar trajetórias adaptativas em vítimas de violência, o facto da experiência de *stalking* se prolongar no tempo pode permitir às suas vítimas o teste de diferentes estratégias de *coping* para lidar com a situação, a ativação de maiores e melhores recursos pessoais e interpessoais, assim como o desenvolvimento de competências e aprendizagens para fazer face à experiência e aos desafios que a mesma lhe coloca. Não se questiona o impacto negativo que este tipo de violência pode exercer nas suas vítimas (considerando até os resultados obtidos e discutidos anteriormente), mas pondera-se e avança-se com a possibilidade destas serem ativas, competentes e eficazes na gestão do problema. De resto, a literatura sobre *stalking* tem também identificado as estratégias de *coping* mais comumente adotadas por este tipo de vítimas, salientando as positivas e mais eficazes (evitar o *stalker* e procurar apoio) *versus* as menos adequadas e menos eficazes (negociar, confrontar e e/ou negar/minimizar a experiência) (e.g., Ferreira & Matos, 2013; Spitzberg & Cupach, 2002, 2007). Assim, campanhas de *stalking* mais prolongadas podem permitir à vítima o ensaio destas diferentes estratégias e a opção pelas mais adequadas, o que promoverá o seu sentido de controlo, autonomia e eficácia na gestão da experiência de vitimação e, consequentemente, maiores sentimentos de domínio e controlo do meio.

Importa, pois, reunir mais evidências empíricas a este nível, incluindo outras variáveis de estudo (e.g., estratégias de *coping*), ultrapassando as limitações assumidas neste trabalho (e.g., tipo de amostra) e/ou privilegiando outro tipo de designs (e.g., longitudinal) ou outro tipo de metodologias (qualitativas).

Limites

Para uma melhor compreensão dos resultados, convém, desde logo referir que este estudo tem algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação e conclusão dos resultados. Primeiramente, baseou-se numa investigação transversal e este tipo de estudos aponta limitações ao nível da relação causa efeito entre as variáveis que foram avaliadas. Por outro lado, a grande limitação da amostra, para além de ser recolhida *online*, prende-se com o facto de ser uma amostra de conveniência, limitando assim a generalização dos resultados.

Conclusões

O trabalho realizado, e não obstante as limitações supracitadas, produz conhecimentos válidos e importantes acerca da vitimação por *stalking* e do seu impacto no funcionamento psicológico dos indivíduos. Como se disse, importa não apenas detalhar e investir na exploração do papel da duração do *stalking* na explicação da Saúde Mental das pessoas-alvo, como também ponderar o papel de outras variáveis/condições na moderação e mediação desta relação (e.g., características pessoais da vítima, recursos e vulnerabilidades prévias, tipo de relação entre os intervenientes).

Globalmente, este estudo vai ao encontro da necessidade de se alargar o estudo de diferentes experiências de vitimação a indicadores de funcionamento positivo e/ou de saúde mental das vítimas, condição essencial para se alcançar uma compreensão mais holística e integrada deste tipo de fenómenos, mas também para o reforço das medidas de intervenção e de apoio junto das vítimas.

Referências Bibliográficas

- Abello-Llanos, R., Macias, M.A., Blanco-Abarca, A., Madariaga-Orozco, C., Manrique-Palacio, K., Martínez-González, M., Díaz-Méndez, D. (2009). Well-Being and Trauma in Adults Displaced by Political Violence. *Universitas Psychologica*, 8(2), 455-70.
- Beeble, M. L., Bybee, D., & Sullivan, C. (2010). The impact of resource constraints on the psychological well-being of survivors of intimate partner violence over time. *Journal of Community Psychology*, 38(8), 943-959. doi: 10.1002/jcop.20407.
- Bjerregaard, B. (2000). An empirical study of stalking victimization. *Violence and Victims*, 15(4), 389-406.
- Blaauw, E., Winkel, F. W., Arensman, E., Sheridan, L., & Freeve, A. (2002a). The toll of stalking. The relationship between features of stalking and psychopathology. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 50-63.
- Blaauw, E., Sheridan, L., & Winkel, F. (2002b). Designing anti-stalking legislation on the basis of victims' experiences and psychopathology. *Journal Psychiatry, Psychology and Law*, 9(2), 136-145.
- Blanco, A. & Díaz, D. (2005). El bienestar social: si concepto y medición. *Psicothema*, 17 (4), 582-589.
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, Trauma, and Human Resilience: Have we Underestimated the Human Capacity to Thrive After Extremely Aversive Events. *American Psychologist*, 59(1), 20-28.
- Brewster, M. P. (1997). *An exploration of the experiences and needs of former intimate stalking victims: Final report submitted to the National Institute of Justice*. West Chester, PA: West Chester University.
- Brewster, M. P. (2000). Stalking by former intimates: Verbal threats and other predictors of physical violence. *Violence and Victims*, 15(1), 41-54.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI). Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. R. Simões, C. Machado, M.M. Gonçalves, & L.S. Almeida (Coord.), *Avaliação psicopatológica: Instrumentos validados para a população portuguesa*, Vol. III (pp. 305-311). Coimbra: Quarteto.
- Chan, KL & Zhang, Y. (2011). Female victimization and intimate partner violence after the May12, 2008, Sichuan earthquake. *Violence and Victims*, 26(3), 364-376. doi: 10.1891/0886-6708.26.3.364.

- Clausen T, Hogh A, Carneiro IG, & Borg V. (2013). Does psychological well-being mediate the association between experiences of acts of offensive behaviour and turnover among care workers? *A longitudinal analysis*, 69(6), 1301-1313.
- Collins, M.J., & Wilkas, M. B. (2001). Stalking trauma syndrome and the traumatized victim. In J. A. Davies (Ed.), *Stalking crimes and victim protection. Prevention, intervention, threat assessment, and case management* (pp. 317-334). Florida: CRS Press.
- Davis, KE., Coker, AL & Sanderson, M. (2002). Physical and mental health effects of being stalked for men and women. *Springer Publishing Company*, 17(4), 429 – 443.
- Dressing, H., Gass, P., & Kuehner, C. (2007). What can we learn from the first community-based epidemiological study on Stalking in Germany? *International Journal of Law and Psychiatry*, 30, 10-17.
- Dressing, H., Kuehner, C., & Gass, P. (2005). Lifetime prevalence and impact of stalking in a European population. *British Journal of Psychiatry*, 187, 168-172.
- Fernandes de Araújo, L., Teva, I., & Bermúdez, M. de la P. (2015). Resiliência em adultos: uma revisão teórica. *Terapia Psicológica*, 33(3), 257-276.
- Ferreira, C. (2016). Stalking. In Maia, R. L., Nunes, L. M., Caridade, S., Sani, A. I., Estrada, R., Nogueira, C., Fernandes, H., & Afonso, L. (Cords.), *Dicionário Crime, Justiça e Sociedade* (pp. 457-458). Lisboa: Editora Sílabo.
- Ferreira, C, & Matos, M. (2013). Violência doméstica e stalking pós-rutura: dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima. *Psicologia*, 27(2), 81-106.
- Gómez, M., Gutiérrez, R., Castellanos, S., Vergara, M. & Pradilla, Y. (2010). Psychological well-being and quality of life in patients treated for thyroid cancer after surgery. *Terapia Psicológica*, 28 (1), 69-84.
- Grangeia, H. (2012). *Stalking entre jovens: Da sedução ao assédio persistente*. Braga: Universidade do Minho. (Tese de Doutoramento em Psicologia na Especialidade de Psicologia da Justiça).
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias. In C. Machado (Coord.), *Novos olhares sobre a vitimação criminal: Teorias, impacto e intervenção* (pp. 121-166). Braga. Psiquilíbrios.
- Groves, R.M., Salfati, C.G., & Elliot, D. (2004). The influence of prior offender/victim relationship on offender stalking behavior. *Journal of Investigate Psychology and Offender Profiling*, 1(2), 153-167.

- Grych, J., Hamby, S. & Banyard, V. (2015). The Resilience Portfolio Model: Understanding Healthy Adaptation in Victims of Violence. *Psychology of Violence*, 5(4), 343–354.
- Hall, D. M. (1998). The victims of stalking. In J. R. Meloy (Ed.), *The psychology of stalking: clinical and forensic perspectives* (pp. 113-137). San Diego, CA: Academic Press.
- Haugaard, J.J. & Seri, L.S. (2003). Stalking and other forms of intrusive contact after the dissolution of adolescent dating on romantic relationships. *Violence Victims*, 18, 279–297.
- Huta, V., & Waterman, A.S. (2014). Eudaimonia and its disfiction from Hedonia: Developing a classification and terminology for understanding conceptual and operational definitions. *Journal of Happiness Studies*, 15(6), 1425-1456.
- Johnson, M., & Kercher, G. A. (2009). Identifying predictors of negative psychological reactions to stalking victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 24, 866-882.
- Kamphuis, J. H., & Emmelkamp, P. M. G. (2001). Traumatic distress among support-seeking female victims of stalking. *The American Journal of Psychiatry*, 158, 795-798.
- Kamphuis, J. H., Emmelkamp, P. M. G. (2000). Stalking: a contemporary challenge for forensic and clinical psychiatry. *Journal Psychiatry*, 176, 206-209.
- Keyes, C. (1998). Social Well-Being. *Social Psychology Quarterly*, 61(2), 121.
- Keyes, C. (2006). Subjective well-being in mental health and human development research worldwide: an introduction. *Social Indicators Research*, 77, 1-10.
- Lowney, K. S. & Best, J. (1995). Stalking strangers and lovers: changing media typifications of a new crime problem. In J. Best (Ed.), *Images of issues: Typifying contemporary social problems* (pp. 33–57). New York: Aldine de Gruyter.
- Martins, C., Gouveia, A., Chaves, M., Lourenço, R., Marques, S., & Santos, T. (2014). Dating violence and nursing student well-being. *Atención Primaria*, 46(1), 129-134.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, & Azevedo, V. (2011b) *Inquérito de Vitimação por stalking*. Relatório de investigação. Braga: Universidade do Minho, Escola de Psicologia
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011a). *Stalking: Boas práticas no apoio à vítima*. Manual para profissionais. Violência de Género. CIG
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2012). Vitimação por Stalking: Preditores do medo. *Análise Psicológica*, 1(2), 161-179.

- Miglietta, A., & Acquadro Maran, D. (2016). Gender, Sexism and the Social Representation of stalking: What Makes the Difference? *Psychology of Violence*. Agosto, 8.
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2000). Stalkers and their victims. *Cambridge: Cambridge University Press*, 15(6), 693-694.
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behavior. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35, 9-16.
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R., & Stuart, G.W. (1999). Study of Stalkers. *American Journal of Psychiatry*, 156(8), 1244-1249.
- Neri, A.L. & Resende, M.C. (2009). Ajustamento psicológico e Perspectiva de velhice pessoal em adultos com deficiência física. *Psicologia em estudo*, 14(4), 767-776.
- Novo, R. F. (2005). We need more than self-reports: contributo para a reflexão sobre as estratégias de avaliação do bem-estar. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 9, 477-495.
- Novo, R.F. (2003). Para além da eudaimonia. O bem-estar psicológico em mulheres de idade adulta avançada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Pathé, M. & Mullen, P. E. (1997). The impact of stalkers on their victims. *British Journal of Psychiatry*, 170, 12-17.
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. E. (2004a). Stalking: Defining and prosecuting a new category of offending. *International Journal of Law and Psychiatry*, 27, 157-169.
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. E. (2004b). Editorial: When do repeated intrusions become stalking? *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 15(4), 571-583.
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. E. (2005). The association between stalking victimization and psychiatric morbidity in a random community sample. *British Journal of Psychiatry*, 187, 416-420.
- Queroz, N. C. (2003). *Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e velhice*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia não-publicada, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- Reis, S., & Narciso, I. (2010). Factores de adaptação e recuperação após uma doença hemato-oncológica – um estudo exploratório. *Psychologica*, 52(1), 327-348.
- Ribeiro, J. (2005). *Introdução à psicologia da saúde*. Coimbra: Quarteto.

- Ryff, C. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of Psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081.
- Ryff, C., & Keyes, C. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727.
- Sheridan, L., Davies, G. M., & Boon, J.C.W. (2001). Stalking: Perceptions and prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 16, 151-167.
- Sheridan, L.P, Blaauw, E., & Davis, G. M. (2003). Stalking: Knows and unknowns. *Trauma, Violence, & Abuse*, 4, 148-162.
- Silva, R., Horta, B. L., Pontes, L. M., Faria, A. D., Mattos Souza, L. D., Cruzeiro, A. L. S., & Pinheiro, R. T. (2007). Bem-estar psicológico e adolescência: factores associados. *Caderno Saúde Publica, Rio de Janeiro*, 23(5), 1113-1118.
- Siqueira, M., & Pavodam, V. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209.
- Spence-Diehl, E. (1999). *Stalking: a handbook for victims*. Holmes Beach, Fla: Learning Publications, Inc
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W.R. (2007). The state of the art of stalking: taking stock of the emerging literature. *Agression and Violent Behavior*, 12, 64-86.
- Spitzberg, BH., Nicastro. A.M & Cousins, AV. (1998). Exploring the interactional phenomenon of stalking and obsessive relational intrusion. *Commun Rep*, 11. 33–47
- Spitzberg, Brian H. (2002) The tactical topography of stalking victimization and management. *Trauma, Violence & abuse*, 3, 261-288.
- Spitzberg, Brian H. (2016). Acknowledgment of Unwanted Pursuit, Theats, Assault, and Stalking in a College Population. *Psychology of Violence*. Abril, 14.
- Tjaden, P & Thoennes, N. (1998). *Stalking in America: findings from the National Violence Against Women survey*. Washington, DC: *National Institute of Justice and Centers for Disease Control and Prevention*, Publication NCJ 169592
- Vázquez, C., & Chaves, C. (2016). Positive Psychology. Em *Encyclopedia of Mental Health* (pp. 290-299).
- Way, R. C. (1994). The criminalization of *stalking*: an exercise in media manipulation and political opportunism. *McGill Law Journal*, 39, 379 – 400.
- World Health Organization (2001). *A call for action by world health ministers*. Geneva: Department of Mental Health and Substance Dependence.

- World Health Organization (2013). *Investing in mental health: evidence for action*. Geneva: World Health Organization.
- World Health Organization. (2005). *Promoting mental health: concepts, emerging practice*. Geneva: World Health Organization.